

Resumo: Esse texto é um escrito que, ao final, é um termo médio entre um *Artigo* e um *Ensaio*. O objetivo é expor nossa compreensão sobre o sentido d’o material” e as implicações onto(epistemo)lógicas desta concepção no pensamento de Karl Marx. Em plano geral, primeiramente, nosso texto discorre sobre o que nomeamos de “a questão primeira”, qual seja: o que é “o material” no interior e no contexto dos escritos de Marx? Para cumprir essa tarefa procedemos com leituras de textos marxianos visando identificar, neles, passagens importantes aonde o conceito de “material” é pressuposto, citado ou implicado. No segundo momento do texto, afirmamos que os resultados das análises do sentido d’o material” nos possibilitam induzir e/ou deduzir que o materialismo de Marx é dialético. Por fim, apresentamos algumas conclusões que decorrem do aceite da validade e veracidade da tese de que Marx pensa dialeticamente, de que seu materialismo é dialético.

Palavras-chaves: Marx. O material. Dialético. Materialismo dialético consequente.

THEORETICAL CONTRIBUTIONS TO THINKING “THE MATERIAL” IN MARX

Abstract: This text is a writing that, in the end, is a middle term between an Article and an Essay. The objective is to expose our understanding of the meaning of “the material” and the onto(epistemo)logical implications of this conception in Karl Marx's thought. In general, first, our text discusses what we call “the first question”, which is: what is “the material” within and in the context of Marx's writings? To accomplish this task, we proceeded with readings of Marxian texts aiming to identify, in them, important passages where the concept of “material” is presupposed, cited or implied. In the second moment of the text, we affirm that the results of the analysis of the meaning of “the material” allow us to induce and/or deduce that Marx's materialism is dialectical. Finally, we present some conclusions that result from the acceptance of the validity and veracity of the thesis that Marx thinks dialectically, that his materialism is dialectical.

Keywords: Marx. The material. Dialectical. Consequent dialectical materialism.

1 SOBRE A PROBLEMÁTICA

Teóricos marxistas aprovam, em geral, que o pensamento de Marx é bem nomeado pela locução “materialismo-dialético”; essa expressão, porém, não consta, literalmente, nos textos marxianos. Concordamos que essa nomenclatura é adequada para caracterizar a concepção marxiana de mundo e seu modo de pensar sobre o mesmo.

Igualmente se aceita a tese de que o fundamento onto(epistemo)lógico do pensamento de Marx é materialista. Em razão disso, pode-se pensar que o segundo termo da supracitada locução — “dialético” — é o que enseja mais controvérsias. Entretanto, suspeitamos que as querelas ocorrem mais em função do(s) sentido(s) do vocábulo “material”. Sendo assim,

¹ O texto que ora apesento, com importantes alterações, foi originalmente elaborado, sob a forma de *Ensaio*, como trabalho final da disciplina *Filosofia do Espaço Público: Marx: Materialismo e Dialética*, que cursei durante meu Doutorado Sanduíche, em 2014, no Centro de Filosofia, da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa (FLUL), Portugal. A disciplina foi ministrada pelo então meu Orientador, Professor Doutor José Barata-Moura.

² Doutor em Educação (Filosofia da Educação), pela UFPel; Mestre em Filosofia (UFC); Professor Adjunto na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro do GT Ética e Cidadania (ANPOF). Líder do grupo de Pesquisa O CALS (O Capital como Lógica da Sociedade), CNPQ.

a explicitação do que é “o material”, segundo o pensamento marxiano, é nossa questão primeira. E será essa questão o tema central desse nosso trabalho.

De modo geral, isoladamente considerado, o termo “material” significa a coisa, o objeto, a matéria prima advinda da Natureza. Consoante o pensamento de Marx, o material é a base ontológica determinante do real por meio do qual a realidade *é o que é*. Marx concebe as condições materiais, a materialidade, como substrato do real. Para Marx, o material, em sentido ontológico, é a causa genética, produtora, do real. O material seria, por conseguinte, fonte do desenvolvimento do pensar, das ideias, da consciência. Essa concepção, *aparentemente*, aponta “o material” como *arquê* capaz de determinar, sozinho, a totalidade do real.

Todavia, quando consideramos a expressão completa (“materialismo-dialético”), a palavra “material” ganha outro sentido semântico que lhe é dada pelo termo “dialético”. O vocábulo “dialético” atribui ao “material” o sentido de movimento; e, portanto, da mudança, da contradição, o que confronta a concepção bastante comum de que “o material” marxiano refere-se, unicamente, ao mundo das coisas físicas. Entendemos que o material, sem deixar de ser fundamento determinante do processo de constituição da realidade, deve ser admitido como um conteúdo composto pela dinamicidade do movimento dialético, que se efetiva por causa das contradições e mudanças imanentes às condições materiais.

Quanto ao significado do “dialético”, uns dizem ser ele o gérmen do idealismo hegeliano a perverter o processo de conhecimento científico, filosófico, etc. Outros asseguram que “o dialético” é o motor que utiliza as contradições materiais como combustível engendrante da realidade. Portanto, respostas há que garantem a proficuidade da dialética; e outras que negam-lhe qualquer papel ativo e positivo na construção do real. O dialético não é somente um método, isto é, um elemento epistêmico, mas um conteúdo participe do movimento ontológico de constituição do mundo real e concreto das vidas dos homens. De nossa parte, pensamos “o dialético” como um ativo no processo de multideterminação da totalidade do real.

Para desenvolvermos sobre o nosso objeto e objetivo no texto, admitimos que: 1) a expressão “materialismo dialético” é uma legítima adjetivação do pensamento de Marx. 2) conforme pensa Marx, “o material” é o fundamento ontológico da realidade e, por essa razão, a questão primeira a ser respondida é: *o que é o material?* 3) “o dialético” é parte da engrenagem daquilo que move “o material” no processo de desenvolvimento da materialidade — nesta

incluídas as ideias. Isto posto, ressaltamos que o objetivo é expor alguns aportes teóricos que nos ajudam a pensar como Marx concebe o material e, portanto, como ele pensa.³

2 A QUESTÃO PRIMEIRA: O QUE É O MATERIAL?

Aqui, iremos expor algumas proposições de Marx que garantem ser “o material” o elemento genético determinante da história da vida dos homens. Entraremos, pois, no âmbito da ontologia aonde a questão primeira é: o que é aquilo que é (o Ser: “o material”)?

Dos textos de Marx depreende-se que ele assumiu “o material” como princípio ontologicamente determinante do real desde 1839, quando criticou o “materialismo tosco” em seu trabalho dito “tese de doutoramento”. Na ocasião, Marx (2018) defendeu o atomismo (materialismo) de Epicuro porque este admite o movimento, a variação, a liberdade; e atacou o materialismo de Demócrito pelo fato de este ser uma defesa do atomismo mecanicista. Este tipo de materialismo se opõe ao Idealismo, mas o faz apenas para (a)firmar o *caráter determinista* das condições materiais, que seriam unicamente derivadas da Natureza, da *physis*.⁴

Em meados de 1842, Marx intensificou a busca pelos caminhos do materialismo despertado por “questões” que envolviam “interesses materiais”. Para debater sobre a temática do material, Marx escolheu dialogar criticamente com Hegel e apresentou suas conclusões nos *Manuscritos de 1843*⁵. Em um relato autobiográfico de 1859, escrito para prefaciar a obra *Para a Crítica da Economia Política*, Marx lembrou o contexto histórico em que iniciou sua trajetória na direção de formatar o “novo materialismo” — que, doravante, seria a base teórico-metodológica de toda sua Filosofia —, escrevendo: “no ano de 1842-43, como redator da *Rheinische Zeitung (Gazeta Renana)*, vi-me pela primeira vez perante a dificuldade de ter também de dizer alguma coisa sobre o que se designa por **interesses materiais**” (MARX, 198b,

³ Não pretendo disputar o título de intérprete genuíno do pensamento de Marx, ou criar uma corrente derivada/inspirada em Marx. Há, já, muitas (des)qualificações do pensamento de Marx, e algumas delas conflitam. Por exemplo: “Marxismo-leninismo”, “Filosofia da práxis” (A. Gramsci, A. S. Vásquez), “Ontologia histórico-materialista” (G. Lukács), “Dialética científica-empirista” (G. Della Volpe), “Marxismo-estruturalista” (L. Althusser), “Marxismo analítico” (G. A. Cohen), “Marxismo cultural” (R. Williams) etc. Não busco me filiar ou atacar quaisquer dessas linhas de pensamento, mas, sim, provocar algum debate sobre o material, em Marx.

⁴ O “materialismo mecanicista”, determinista, é tão potente que atingiu as ideias de Hegel. Conforme Marx, ainda que raramente, Hegel saiu do Idealismo e adentrou nas teias do “mais crasso *materialismo*”. Por exemplo: quando Hegel afirma que o rei se faz rei pelo fato simples de “nascer” materialmente. Porém, o que faz um indivíduo ser rei, diz Marx, é outro mecanismo de mediação, a saber: “o consentimento geral” do povo, a aceitação social do indivíduo como Soberano de um povo (Cf. MARX, 2010a, p. 121).

⁵ Refiro-me aos escritos de Marx, que também são conhecidos por *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*.

p. 529, grifos nossos). O conteúdo dos “interesses materiais” que instigaram Marx eram “os debates [...] sobre o roubo de lenha e parcelamento da propriedade fundiária [...], a situação dos camponeses do [vale do] Mosela, as discussões sobre livre-cambismo e tarifas alfandegárias protecionistas” (MARX, 1982, p. 530). No caminho da busca por respostas a estas questões “materiais”, diz Marx: “o primeiro trabalho que empreendi para resolver as dúvidas que me assediavam foi uma revisão crítica da filosofia do direito de Hegel”.⁶ [...] (MARX, 1996, p. 51).

Notamos que os “interesses materiais” com os quais Marx se defrontou e que lhe afligiam diziam respeito ao papel parcial (atuante e/ou omissivo) do Estado. Este era apresentado como defensor dos interesses jurídicos e econômicos (burgueses), e promotor dos interesses materiais gerais e da liberdade de todos (hegelianismo). Os “interesses materiais” eram elementos, aspectos, que se prestam à organicidade das relações e práticas econômicas, políticas, educacionais etc. Portanto, tais “interesses materiais” encarnam conteúdos sociais, entranhados na economia política, etc., que não se confundem com o conteúdo o mero aspecto físico das coisas. Pensamos ser este o sentido do material contido na seguinte conclusão de Marx:

Relações jurídicas, tais como as formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas [condições das] **relações materiais** de vida [social], cuja totalidade Hegel resume sob o nome de "sociedade civil". (MARX, 1996, p. 51, grifos nossos).

“As formas de Estado não podem ser compreendidas” “a partir de si mesmas”, como se fossem estruturas materiais independentes da vida social, política, econômica. Ou seja: ao afirmar que as formas de Estado “se enraízam” nas “**relações materiais**”, Marx não está sustentando o poder exclusivo do material na determinação da realidade. Marx argumenta que, “na produção social da sua própria vida, os homens contraem determinadas relações de produção [...]. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral”. (MARX, 1996, p. 52). Nessa passagem, ressaltamos que Marx diz ser “o material” o determinante da vida dos homens; mas ele não está afirmando que esse material exclua as ideias pelo fato de ser, puramente, matéria física.

Por outro lado, em uma perspectiva oposta ao que observamos nos dois parágrafos anteriores, Marx, na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, discorda da tese de “Hegel de que

⁶ Dois textos resultam desse empreendimento: *Zur Kritik der hegelschen Rechtsphilosophie (Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, ou Manuscritos de 1843)* e o texto *Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie – Einleitung (Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução)*.

o verdadeiro princípio *material* é [...] a Ideia absoluta, que não guarda em si nenhum momento passivo, *material*” (MARX, 2010a, p. 130). Segundo Marx, é falsa a tese de que, na construção da realidade, “o material” tenha somente um papel “passivo”, e todo o poder instituinte do real pertença unicamente à “Ideia”. Em suma: para Marx, a realidade não pode ser engendrada pelas ideias, que excluem o material; e este, tampouco, deve significar a exclusão das ideias.

Nas suas leituras exegéticas da obra *Princípios da Filosofia do Direito*, de Hegel⁷, Marx: 1) criticou o idealismo que Hegel propõem como base ontológica do real; 2) aproximou-se da dialética hegeliana e a utilizou na direção de fundar “o novo” e “verdadeiro materialismo” (MARX, 2010a, p. 118). De fato, as análises que Marx expôs nos *Manuscritos de 1843* e no texto *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução* são as primeiras bases teóricas para a fundamentação do verdadeiro materialismo: o dialético. E Marx utiliza esses resultados incipientes no campo da economia política, nos *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*.

Marx não aderiu aos materialismos então existentes⁸; ele criou um novo tipo de materialismo: o materialismo-dialético. As circunstâncias e os referenciais teóricos dessa invenção foram forjadas, por um lado, pela necessidade que Marx sentiu de compreender para intervir, prática e teoricamente, “nas questões e nos interesses materiais”. E, por outro lado, pela descoberta do lado “racional e revolucionário” da dialética, na medida em que ele fazia a crítica aos fundamentos ontológicos da Filosofia do Direito de Hegel. Essa dupla motivação levou Marx a apresentar caracteres mais objetivos do seu materialismo já nos *Manuscritos de 1844*.

Nos *Manuscritos de 44* Marx aponta os limites do materialismo tosco, o “*materialismo crasso, (krassen Materialismus)*, [que] é o materialismo da obediência passiva, da fé na autoridade, do *mecanismo* de uma atividade formal, fixa, de princípios, ideias e tradições fixas” (MARX, 2010a, p. 66). Esse materialismo é assim qualificado porque é rude, dogmático, mecanicista ao afirmar o material, unicamente, como sinônimo de natureza ou objeto sensível, concreto, físico etc., em oposição radical a qualquer validade das ideias, do pensar. Ora, um materialismo assim tão idealizado é um *materialismo idealista*.

O esforço intelectual de Marx se desenvolveu, sobretudo, no intuito de escapar de duas posições antidialéticas. Por um lado, o *materialismo velho*, “crasso”, que atribuía às coisas, aos objetos, à Natureza, o poder exclusivo de gerar tudo e todos. Por outro lado, o idealismo que afirmava que todo o poder de determinação do real advém das ideias; que, por conseguinte, a

⁷ Na verdade, a crítica de Marx — ou o que dela restou — começa no parágrafo 261 e para no 313.

⁸ Sobre as origens, desenvolvimento e precursores do materialismo, confirmam: MARX, 2003, p. 143-153.

realidade é um produto da “Ideia” absoluta. Ao opor-se a estes dois extremos, Marx criou o seu *materialismo dialético*. O processo de formatação dos fundamentos e implicações deste novo e consequente materialismo permeia, praticamente, todos os escritos de Marx a partir de 1843.

N’A *Ideologia alemã*, Marx reforça seu materialismo e este gesto, às vezes, é tido como negação do fator dialético. Isso ocorre, por exemplo, quando Marx diz que “o primeiro ato histórico [do homem] é a produção dos meios para a [...] a produção da própria vida material” (MARX, 2007, p. 32-33). Com essa tese, estaria Marx asseverando ser possível a constituição dos “atos históricos”, humanos, sem a atividade do pensamento? Cabe lembrar que, nessa época, Marx já havia assumido o materialismo dialético. Sendo assim, pode-se dizer que a afirmação do material como determinante não é a exclusão das ideias, do pensar, etc. Ademais, Marx já havia respondido negativamente a essa indagação nos *Manuscritos de 1844* dizendo assim:

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela [...]. (MARX, 2004, p. 85).

Ora, o que faz com que “o homem produza universalmente”, “livre da carência física”, etc. senão o fato de ele existir, ser, como ser-que-pensa? O pensar, decerto, não é um atributo das coisas físicas. “O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir” (MARX, 2007, p. 87). A questão, aqui, é: os “meios de vida já encontrados” pelos “homens” e “que eles têm de reproduzir” são engendrados apenas pelo material desprovido de sua intrínseca conexão com as ideias? Esta indagação está respondida, categoricamente, nos *Grundrisse*, quando Marx critica o

materialismo tosco [grobe Materialismus] dos economistas, de [simplesmente] considerar como *qualidades naturais* das coisas as relações sociais de produção dos seres humanos e as determinações [Bestimmungen] que as coisas recebem, enquanto subsumidas a tais relações, [porque isso] é um idealismo igualmente tosco, um fetichismo que atribui às coisas [do mundo físico] relações sociais como determinações que lhes são imanentes e, assim, as mistifica (MARX, 2011b, p. 922).

Para Marx, o conteúdo formativo do real é “o material”. Este, todavia, será tão-somente uma abstração caso ignore a logicidade dialética. O material do qual Marx fala é “multideterminado”; seu conteúdo é composto, não sem contradições e em contínua mutação,

pela Natureza e pelo Trabalho (práticas e relações sociais, o pensar, as ideias etc.). A materialidade é, então, algo mais do que os entes físicos. “Das Konkrete ist konkret, weil es die Zusammenfassung vieler Bestimmungen ist, also Einheit des Mannigfaltigen.” (MARX, 1983, p. 35). Quer dizer: (“o Concreto [o Todo] é concreto [real] porque é a síntese de múltiplas determinações [*Bestimmungen*], portanto, unidade da diversidade”).

Sobre a concepção da História como um processo determinado pela materialidade, Marx, n’*A Ideologia alemã*, afirma que a existência material é “o primeiro pressuposto de toda a história humana” porque ela é requisito da “organização corporal dos indivíduos”; e esta, por sua vez, é a condição viabilizadora das “relações” dos homens “com o restante da Natureza” (MARX, 2007a, p. 87). Nessa passagem, Marx alude à condição material animal (biofísicoquímica) dos homens como ponto de partida da história dos homens. No entanto, essa condição, a despeito de ser um “pressuposto de toda a história humana”, não dá conta de explicar a história dos homens enquanto seres-sociais-que-pensam-e-trabalham, isto é, as condições em que os homens se diferenciam dos demais animais. Mas, para evitar mal-entendidos, Marx, na mesma página da mesma obra, se expressa nos seguintes termos:

os homens começam a se distinguir [historicamente] dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida [...]. O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. [Todavia,] esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos.⁹ (MARX, 2007a, p. 87).

Engels, um fiel leitor companheiro intelectual de Marx, afirma que ele e Marx se abrigaram sob “o materialismo”; mas não qualquer materialismo. Por exemplo, não sob o “materialismo exclusivamente mecânico do século XVIII. [...]. [Mas sob o] materialismo moderno [que] é substancialmente dialético” (ENGELS, 1979, p. 23). Noutro texto, relembra que “a questão fundamental de toda filosofia, em particular da filosofia moderna, é a da relação entre o pensamento e o ser” (ENGELS, 1987b, p. 178). E acrescenta que:

segundo a resposta que dessem a essa relação, os filósofos dividiam-se em dois grandes campos. Os que afirmavam o caráter primordial do espírito em relação à Natureza e admitiam, portanto, em última instância, uma criação do mundo, de uma ou de outra forma [...], firmavam o campo do idealismo. Os outros, que viam a Natureza como o

⁹ “Os homens fazem sua história [...] na medida em que cada um busca seus fins próprios, com a consciência e a vontade do que fazem; e a história é, precisamente, o resultado dessas numerosas vontades projetadas em direções diferentes e de sua múltipla influência sobre o mundo exterior” (ENGELS, 1987b, p. 198).

elemento primordial, pertencem às diferentes escolas do materialismo (ENGELS, 1987b, p. 179).

A formulação de Engels e Marx para responder ao problema da relação ser/pensar é original. De fato, o materialismo dialético de Marx e Engels é uma pertinente resposta ao problema da relação entre o mundo subjetivo (— do pensar que gera ideias e produz uma consciência sobre... —) e o mundo objetivo: da Natureza e das relações/práticas sociais etc. O “materialismo novo”, “moderno”, responde bem à questão da relação ser/pensar na medida em que: 1) afirma a dialética como motor do movimento da realidade; 2) concebe que “um sistema universal e definitivamente plasmado [determinista] do conhecimento da Natureza e da História é incompatível com as leis fundamentais do pensamento dialético” (ENGELS, 1987a, p. 318).

Marx concebeu o *novo materialismo* visando superar, ao mesmo tempo, os limites da fundamentação idealista do real, proposta por Hegel, e os entraves do materialismo tosco, que pretendia abolir o mundo das ideias. O materialismo novo, dialético é concebido, então, como fundamento onto[epistemo]lógico da realidade. Nesse materialismo, “o material” é admitido como gênese da realidade; portanto, como fonte, também, das condições necessárias à (re)produção das condições da vida econômica, política, educacional etc. O “materialismo novo” é uma perspectiva que conceitua “o material” como o elemento determinante do movimento produtor do real, mas admite que esse material é multideterminado. E em virtude dessa multiconstituição é que se pode dizer que o conteúdo do material — neste incluído o mundo dos — não está circunscrito ao mundo físico.

Qual é, pois, o conteúdo d“o material”? Seria a ideia um conteúdo d“o material?

Marx não escreveu um texto com o fito de oferecer respostas a essas duas questões. Contudo, ele nos apresentou seu caminho — o método dialético — que está sinteticamente delineado em algumas linhas de um texto de *Introdução aos Grundrisse de 1857* e no *Pós-fácio da segunda edição alemã de O Capital* (1872). E o que implica seguir o caminho marxiano? Implica analisar “o material”, ou seja, decompô-lo em suas especificidades e perceber suas conexões para, então, enxergá-lo em sua totalidade. Se se consegue fazer isto, então se poderá contemplar o conteúdo do material, suas relações e determinações. Para colaborarmos com essa tarefa lançamos, neste nosso texto, alguns argumentos e interpretações.

Tomamos como suposto a seguinte tese: *a afirmação d“o material” como fator ontologicamente determinante da realidade, não implica descartar “as ideias” que, na medida em são produtos das condições materiais, são partícipes da materialidade determinante do*

movimento (dialético) do real. Este suposto não é a definição do que é “o material” em Marx, mas, pensamos, ele muito ajuda na elucidação de tal significação. Ademais, ele é uma maneira de se evitar o absurdo de qualificar as ideias como aquilo que introduz a irracionalidade do, idealismo e da subjetividade, no seio do materialismo dialético de Marx. Se Marx quisesse negar a ideia como participante do material determinante do real ele não teria censurado Bruno Bauer quando este afirmou que “o materialista reconhece apenas o ser atual, real, a *matéria*”. Em face desta proposição, Marx enuncia em tom crítico: “como se o homem, com todos os seus atributos e, inclusive o [o atributo do] pensamento [— que elabora ideias —], não fosse um ser *atual, real*” (MARX, 2007a, p. 106).

Ao contrário do que muitas formulações sugerem, o aceite d“o material” como elemento determinante da realidade não resulta na exclusão das ideias do processo de constituição da realidade. Se, contudo, quer-se a todo custo firmar que somente a coisa ou objeto físico, no sentido do “materialismo crasso”, “determinista”; se voltarmos no espaço-tempo e constatarmos que o *modus vivendi* e o *modus operandi* daqueles homens primitivos eram moldados pelo materialismo determinista. Neste caso, então, deve-se demonstrar que o homem superou as condições primitivas, consolidando-se como um ser histórico, mediante o trabalho, mas *excluindo o trabalho de pensar*. Entretanto, nos ensina Marx devemos partir do “real e concreto”.

Se partirmos do “real e concreto”, do presente momento histórico, e ainda assim se pretender advogar que o movimento do real tem como motor “*o material*” *apartado das ideias*, então seremos induzidos a concluir que, a todo instante, o ciclo da vida dos homens ou, o que é o mesmo, o desenvolvimento da história, *cessa*, para logo em seguida *recomeçar* unicamente a partir da matéria biofísicoquímica; que há um corte entre o velho e o novo, passado e presente. Com essa atitude, estabelecem-se as dicotomias disjuntivas e nega-se a dialeticidade da História. Ademais, neste caso, o processo de produção da vida se torna mecânico, dogmático; portanto, não-dialético. Os homens teriam papel meramente animalesco e, por esse caminho, não haveria história. Mas há história.

3 O MATERIAL(ISMO) [É] DIALÉTICO

“A transformação dialética do real é o nosso próprio destino” (BARATA-MOURA, 2010, p. 21).

O que é o dialético? Por que se considera legítimo e verdadeiro nomear o pensamento de Marx de “material(ismo)-dialético”? Qual o papel têm as ideias no interior do movimento material-dialético constituinte da totalidade do real? Nesta seção, trataremos dessas questões.

Em sentido etimológico, o termo “dialética advém do grego *dialetiké*. “Dia” quer dizer “interação, troca”; o vocábulo “*letiké*” tem a mesma raiz da palavra “*logos*”, significando “razão”, “diálogo inteligível”. Portanto, a significação do/a “dialético/a” é: *movimento racional dialógico*. Isso já nos explica porque afirmamos a dialética como um método, como movimento da razão que quer apreender, e que, para tanto, se desenvolve, necessariamente, com os recursos do diálogo — neste incluídos o pensar, as ideias, as teorias, a consciência de/sobre...

A compreensão do real, da realidade, requer, pois, o concurso das ideias. Contudo, apesar da intrínseca relação, as “ideias” e a “dialética” não são um só coisa, uma identidade. Dialética/o é o movimento do real; e a totalidade do real é constituída pelas condições, relações e contradições do mundo físico, social, etc., produzidas a partir do “material”, dentre as quais as ideias. Assim, as ideias são conteúdos constituintes do movimento dialético do real. As mudanças da realidade decorrem, também, da atividade dos diálogos, marcados por contradições, por exemplo. A dialética, por sua vez, é a força total produtora do movimento do real. Assim, ontologicamente concebida, ela não consente que o enunciado que afirma “o material como determinante do real” seja a afirmação d’“o material” como um conteúdo desprovido e imune à atividade do pensar e seus produtos: as ideias, as consciências dos indivíduos etc. Por isso mesmo, é bem explicativo e exato dizer que, para Marx, em sentido ontológico, *o que determina a realidade é o material-dialético*; e que a perspectiva epistemológica pela qual ele pensa, compreende explica a realidade é a material-dialética.

Nos escritos de Marx, entendemos, o “dialético” é admitido com um duplo sentido. Em sentido *epistemológico*, dialético designa um tipo de método pelo qual Marx, inspirado por Hegel, investigou a realidade e expôs os resultados dessa investigação sobre a realidade. Em sentido *ontológico*, o dialético é uma espécie de for motriz das condições e contradições que engendram a realidade, a história dos homens. O movimento dialético não é o descarte das ideias, mas, antes, a superação do materialismo crasso, determinista: antidialético.

O ilustre filósofo e professor Barata-Moura (2014, p. 234-235), profundo conhecedor do pensamento de Marx, respondendo à questão “como é que o Marx pensa?”, elabora assim: “Marx, que não escreveu muitas páginas e nenhum livro sobre a ‘dialética materialista’, ou sobre o ‘materialismo dialético’ [...] pensa de uma maneira dialética com fundamento ontologicamente

materialista”.¹⁰ “Um dos contributos maiores de Marx para o patrimônio filosófico da humanidade [...] desenvolve-se, no plano ontológico, sobre o fundo (estruturante) de uma tese que reputo determinante: a da *unidade de materialismo e dialética*” (BARATA-MOURA, 1997, p. 88-89). E, algumas páginas adiante, afirma que “é possível falar do caráter *material* dos processos sociais [porque] a materialidade não se restringe ao domínio reico dos entes ‘naturais’.” (BARATA-MOURA, 1997, p. 95).

Estamos em acordo com essas palavras lúcidas e precisas de Barata-Moura. De fato, a composição dos processos sociais exige conteúdos dialéticos: os diálogos, as ideias, as contradições... Mas é certo que muitos marxistas (materialistas) desconfiam da presença das ideias no interior do pensamento materialista-dialético de Marx. Minha hipótese é de que estes que suspeitam têm medo de chegar à conclusão de que as ideias são partes do material. No fundo, eles receiam ter que se encontrarem com a lógica dialética idealista de Hegel.

Entretanto, assim pensamos, para os querem entender Marx, esse encontro é inevitável e imprescindível porque Hegel é o “pai” do intelecto lógico-dialético de Marx¹¹. E, sendo assim, deve-se aceitar que essa paternidade deixou traços genéticos no pensamento marxiano. Por outro lado, os marxistas não deveriam nada temer porque: 1) o idealismo de Hegel é dialético; e 2) o materialismo de Marx é dialético. Portanto, o idealismo hegeliano e o materialismo marxiano não se excluem. Dito isso, destacamos ainda que essa filiação genética de Marx a Hegel é a primeira grande pista para inferimos que “o material”, em Marx, é dito dialético, inclusive, pelo fato de estar vinculado às “ideias” e ao mundo destas. “O material” do qual nos fala Marx é constituído de múltiplas determinações, dentre elas as ideias.

Apesar das divergências — a dialética de Marx é materialista e a de dialética de Hegel é idealista —, e apesar dos marxistas, Marx assume, ao abrigo de um viés materialista, a validade das categorias “totalidade”, “contradição”, “determinação” etc., contidas na dialética hegeliana. Adota, afinal, a dialética idealista hegeliana como arquétipo da sua dialética

¹⁰ A pergunta e a resposta são partes de uma Entrevista que o Prof. Dr. José Barata-Moura concedeu a mim, na tarde do dia 08/07/2014, em seu gabinete de estudos, na cidade de Lisboa, Portugal. A Entrevista está publicada no periódico *Cadernos de Educação: Pensamento Educacional*, Curitiba, vol. 9, nº 22, mai./ago., p. 231-250, 2014. E também em: *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 8, p. 308-323, 2017.

¹¹ O próprio Marx reconhece essa sua condição quando sentença: “critiquei o lado misticador da dialética de Hegel há já quase trinta anos, numa época em que ela ainda estava em moda. Mas, precisamente, quando elaborava o primeiro volume do *Kapital* [...], muitos tratavam Hegel [...] como um ‘cachorro morto’. Confessei-me, por isso, abertamente **discípulo** daquele grande pensador e coquetei mesmo aqui e ali no capítulo sobre a teoria do valor com o modo de expressão que lhe é peculiar”. (MARX, 1990b, p. 22, grifo nosso).

materialista por considerar que “a mistificação¹² que a dialética sofreu nas mãos de Hegel de modo nenhum impede que tenha sido ele a expor, pela primeira vez, de um modo abrangente e consciente as suas [*da dialética*] formas de movimento universal” (MARX, 1990, p. 22).

Isto posto, doravante, iremos fundamentar, com Marx¹³, a tese que assegura ser legítimo e verdadeiro caracterizar o pensamento de marxiano com a expressão “material(ismo)-dialético”. Marx assumiu a tarefa de argumentar para negar o materialismo determinista e, simultaneamente, criar o materialismo dialético¹⁴, que não é a negação pura e simples do pensar, das ideias, das teorias, etc. Marx atuou para criar um “materialismo *novo* [que], na verdade, [é] uma *ontologia nova*” (BARATA-MOURA, 2012a, p. 128); e então forjou “o materialismo moderno [que] é substancialmente dialético” (ENGELS, 1987a, p. 318).

Lendo Marx, vê-se que ele não preconiza o dualismo e a disjunção que põe o material casto separado da ideia impura, o ser como um oposto ao pensar, a existência como adversária da consciência. Se estas disjunções forem aceitas como válidas e verdadeiras, então estará afirmado um tipo de idealismo que sugere a existência de dois mundos que não se comunicam: o do material e o do ideal¹⁵. Mas, caso Marx pensasse nesses termos, teríamos que deduzir que ele pensa antidialeticamente. Contudo, para Marx, ser e pensar não são alheios um ao outro¹⁶.

Em tom de advertência, Marx enunciou: “parece ser correto começarmos pelo real e concreto [Realen und Konkreten], pelo pressuposto efetivo” (MARX, 1983, p. 34). “Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso” (MARX, 2011a, p. 54). “Falso” porque o fenômeno — aquilo que aparece como “real e concreto” — é, *a priori*, indeterminado, caótico. De início, o que se sabe sobre o suposto “real e concreto” é o que se pode captar por intermédio dos sentidos físicos ou estão consagrados pelo senso comum. Porém, os sentidos físicos e o senso comum são incapazes de revelar o real em sua totalidade e dialeticidade.

¹² A “dialética materialista” tem sido mistificada por alguns intérpretes de Marx. Sobre isso, Löwy escreveu: muitos assinalam que “a dialética marxista é aquela teoria científica que explica o comportamento dos indivíduos por seus interesses materiais, sobretudo os econômicos. Eu acho que se se definir o método [dialético-materialista] marxista nesses termos, o fundador desse método não seria Marx, nem Engels, mas Adam Smith e os seus representantes atuais seriam Milton Friedman e a escola Monetarista de Chicago” (LÖWY, 1998, p. 17).

¹³ A meta de fundamentar com Marx significa buscar “estabelecer um diálogo com ele, não para forçá-lo a dizer o que não dissera, mas diria se vivo fosse” e, assim, “atualizar seu sistema categorial” (TEIXEIRA, 2008, p. 90).

¹⁴ Pelo bem da verdade, Engels ressalva que: “a dialética materialista [...] não foi descoberta apenas por nós [ele e Marx], mas também, independentemente de nós e mesmo independentemente do próprio Hegel, por um operário alemão, Joseph Dietzgen” (ENGELS, 1987b, p. 194-195).

¹⁵ Adoto esse neologismo, por vezes, para distinguir entre os significados de “ideia(lismo)” e “ideal(ismo)”. O primeiro termo se refere às ideias, às teorias, etc. O segundo diz respeito ao pensamento utópico, quimérico.

¹⁶ Neste ponto, Marx segue Hegel para quem “o método dialético não é nada distinto de seu objeto e conteúdo; pois é o conteúdo em si, *a dialética que ele encerra em si mesmo, que o impulsiona para frente*” (HEGEL, 1970, p. 50).

Para Marx, o que está (dis)posto como “material” é o ponto de partida da investigação. Mas esta condição não faz d’o material” uma essência autoevidente; seu conteúdo e relações precisam ser decifrados. “O material”, que aparece no início como totalidade “real e concreta” é “uma representação caótica do todo” (MARX, 2011a, p. 54), uma representação abstrata e genérica do real. Em virtude desta sua condição, “o material” carece de ser submetido à análise dialética afim de se possa precisar suas determinações: seu conteúdo, suas relações e consequências. E essa análise deve ser necessariamente dialética porque se o real é constituído pelo material-que-é-dialético, então o real só será mais bem compreendido se analisado da perspectiva ontoepistemológica material-dialética.

Para firmar sua dialética materialista, Marx criticou o fundamento idealista da dialética de Hegel, qual seja: a dialeticidade ou movimento da “Ideia”. Marx (2010a, p. 38-39) avalia que, com esse princípio, Hegel quer fazer aparecer a “ideia” como matriz da realidade desconhecendo as causas da logicidade do real. A dialética de Hegel funda e explica o real a partir da subjetividade: da cabeça do Ser-que-pensa. Ao contestar essas teses de Hegel, parece que Marx dirige-se para referendar uma tese oposta: a de que “o material” anula a participação das ideias como base fundante e explicativa do real. Entretanto, o que a crítica de Marx revela é a intrínseca relação entre o material e o ideal (as ideias).

A dialética marxiana é a dialeticidade d’o material”. Essa dialeticidade não extingue a atividade das ideias na configuração da realidade; ela, porém, é condicionada. Alguns desses condicionamentos estão contidos na *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* onde Marx (2010b, p. 151) afirma que “o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas”. Noutro ponto, Marx (2010b, p. 152) assinala que “a teoria só é efetivada num povo na medida em que é a efetivação das necessidades desse povo”; e essas “necessidades” não serão satisfeitas e tampouco haverá transformações no mundo dos homens quando “a vida prática é desprovida de espírito” e “a vida espiritual é desprovida de prática” (MARX, 2010b, p. 155). Marx entende, afinal, que há uma cumplicidade, uma dialeticidade, entre o material e o ideal.

Em *A Ideologia alemã*, Marx apresenta mais fortemente suas (e de Engels) formulações do materialismo dialético. Nesta obra, notadamente nos textos sobre Feuerbach, reside, de modo claro, a afirmação das condições materiais como fundamento do viver e pensar vida dos homens. Mas em nenhum momento Marx postula a supressão das ideias, que são partes da atividade humana, da história. Ao contrário disso, Marx e Engels afirmam ser necessário

fundar o “verdadeiro materialismo” porque o materialismo de Feuerbach “recai no idealismo” na medida em que “nele não se encontra a história. [...]. Nele, materialismo e história divergem completamente” (MARX E ENGELS, 2007a, p. 32); e a história se faz, também, com e pelas ideias, pelas consciências dos indivíduos.

Marx e Engels também pregam que “o materialista *prático* [...deve buscar...] revolucionar o mundo, enfrentar e transformar praticamente o estado de coisas por ele encontrado” (MARX E ENGELS, 2007a, p. 28). Neste caso, a pergunta é: faz-se a revolução, o enfrentamento e a transformação prática do mundo sem as ideias? Marx e Engels oferecem uma resposta à essa questão quando fazem as seguintes proposições:

o modo pelo qual os homens produzem seus meios [...] não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos.” (MARX E ENGELS, 2007a, p. 87).

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real (MARX E ENGELS, 2007a, p. 93).

O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanação direta de seu comportamento material. E nesta situação, as ideias, a consciência tem um papel histórico. Apenas quando separadas da história real, essas abstrações não têm nenhum valor (MARX E ENGELS, 2007a, p. 95).

As *Teses Ad Feuerbach* (1845) são um esboço crítico no sentido de negar o “materialismo feuerbachiano” e, ao mesmo tempo, afirmar fundamentos do materialismo dialético, que enfatiza a atividade dos homens que, efetivamente, não existe dissociada da atividade do pensamento, das ideias. Na avaliação de Marx (2007b, p. 533), “o principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto, a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do *objeto* [físico] ou da *contemplação*, mas não como *atividade humana sensível*, como *prática*; não subjetivamente.” A “atividade humana”, porém, não é a separação entre “o objeto (físico)” e a subjetividade; ela é uma conjunção dialética que pode adequadamente ser nomeada de “atividade revolucionária, *prático-crítica*” (MARX, 2007b, tese 1, p. 533). A demonstração da veracidade objetiva das ideias não pode ser realizada somente de modo prático, ou apenas de modo teórico: é uma atividade dialética, isto é, “*prático-crítica*”.

Ainda na direção de argumentar e testar o funcionamento do seu materialismo dialético para compreender e explicar a realidade, notadamente na área da economia política, Marx fez quatro destacados experimentos ao longo de sua atividade intelectual como escritor: 1) os *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*; 2) a *Miséria da Filosofia* (1847); 3) os *Grundrisse*, de 1857; 4) o Livro I d'*O Capital* (1867). Em todos esses experimentos Marx

explicitou sua aproximação e/ou distanciamento em relação à filosofia dialética de Hegel. A estratégia de tomar Hegel como interlocutor proporcionou a Marx dois frutos: 1) a compreensão de que a “Ideia” não é, isoladamente, o fundamento ontológico do real; 2) vislumbrar o caráter “crítico-revolucionário” da “dialética” de Hegel e dar a ela um caráter racional ao pô-la de pé. E Marx assumiu estes dois elementos como fundamentos da dialética do material.

Os *Manuscritos Econômicos-filosóficos de 1844* são o início da aplicação prática dos resultados da crítica de Marx acerca dos “interesses materiais” com os quais se defrontou em 1842/43. Nessa obra, entre um conjunto de manuscritos sobre “economia nacional (política)”, sobre o trabalho e o comunismo, consta uma apreciação de Marx acerca de como Hegel apresentou a dialética na *Fenomenologia do Espírito*. Qual a razão desse diálogo com Hegel?

Nossa resposta a essa pergunta é: Marx não enxergava a dialética de Hegel como uma contraposição radical ao seu materialismo. Marx não concebe que a dialética introduza, no movimento do real, as ideias como sementes da irracionalidade. Ao contrário disso, ele admite que “a grandeza da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel [...é...] seu resultado final — a dialética, a negatividade enquanto princípio motor e gerador [...]” (MARX, 2004, p. 123) do real.

Também nos *Manuscritos de 44* Marx assinala que a “essência humana não pode ser reduzida” à lógica do “ter”, como se esta fosse a síntese perfeita “de todos os sentidos físicos e espirituais” (MARX, 2004, p. 108). Conforme pensa Marx, se o que se pretende é compreender a realidade, isto não será conseguido com uma lógica que põe o material e as ideias na condição de extremos que se excluem. Não será somente pelo “sentido do ter” e nem apenas pelo sentido do “pensar”, “mas é por todos os sentidos que o homem é afirmado no mundo objetivo” (MARX, 2004, p. 110); o movimento do real é o movimento dialético do “ter” e do “ser (pensar)”. O real não é dado, como quer Hegel, pela “dialética pura” (MARX, 2004, p. 123); tampouco o é pelo material mecanicista. Por isso mesmo, Marx se viu impelido a *criar* o materialismo dialético.

Em outras passagens dos demais textos dos *Manuscritos de 44*, Marx faz aparecer a relação entre o material e a ideia/a dialética. É nesta direção as seguintes palavras de Marx: “o homem faz da sua atividade vital [do seu trabalho] um objeto da sua vontade e consciência. Ele tem atividade vital consciente. [...] A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal” (MARX, 2004, p. 84). Ora, se o trabalho, a “atividade vital consciente” dos homens, não é uma condição *a priori*, imediata, mas mediada, cabe indagar: essas mediações advêm unicamente do material, da coisa física dos objetos? Pode “o trabalho” ser uma “atividade consciente” sem a mediação das ideias? O modo de pensar do Marx nos diz

que não. Porque os homens (se) produzem como seres pensantes. Este é um dos caracteres distintivos dos homens em relação aos demais animais. Estes produzem somente para atender suas “carências físicas”, orgânicas; enquanto que os homens se relacionam com a Natureza mediados pelo pensamento, pelas ideias etc. “A via física e mental do homem está interconectada com a natureza” (MARX, 2004, p. 84). “Pensar e ser são, portanto, certamente, *diferentes*, mas [estão] ao mesmo tempo em *unidade* mútua.” (MARX, 2004, p. 108). “Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com uma coisa se esta se relaciona humanamente com o homem” (MARX, 2004, p. 109). Esta unidade entre ser e pensar, do mundo objetivo das coisas com o mundo subjetivo humano só é possível compreender pela ótica do materialismo dialético.

Em *Miséria da Filosofia*, Marx se posiciona contra o senhor Proudhon pelo motivo deste ter se apropriado, equivocadamente, das categorias da dialética de Hegel para pensar a economia política burguesa. O fato mais grave, conforme Marx, é que Proudhon apresenta tais categorias teóricas como se elas fossem autônomas em relação às condições e à produção material das quais, na verdade, enfim, elas derivam. As ideias, na forma de teorias, argumentos etc., “são expressões teóricas, abstrações das relações sociais de produção” (MARX, 1985, p. 106). Marx aponta as limitações das “ideias” no sentido que elas não produzem o real sozinhas, a partir de si mesmas, precisamente porque elas são partes do diálogo com as condições materiais.

Conceber que as ideias são podem, de modo independente, gerar o mundo, eis perigo do idealismo. Marx alerta sobre isso ao afirmar que, “[...] na teoria, é fácil abstrair [abolir] as contradições que, na realidade, se encontram a cada instante” (MARX, 1985, p. 118). Já para os materialistas não-dialéticos, o problema ocorre porque eles assumem a afirmação do princípio materialista como negação absoluta do valor e função das ideias. Para Marx, afinal, não se deve descartar as ideias, porque então restaria apenas o real sem mediações, a realidade imediata. Mergulhado no imediato, o agir do homem torna-se um ativismo cego estéril. Para evitar esse erro, as ideias devem ser sempre consideradas como conteúdo do movimento material dialético constituinte do real. Mas o fato de as ideias cumprirem esse papel não lhes dá a condição de se situarem aquém ou além da história. As ideias devem ser vividas conforme sua condição: históricas e transitórias.

Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com sua produção material, produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias em conformidade com suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas

quanto [são eternas] as relações que exprimem. Elas são *produtos históricos e transitórios* (MARX, 1985, p. 106).

Em 1857, no texto geral e na *Introdução aos Manuscritos econômicos de 1857-1858 (Grundrisse)*, que é o terceiro experimento teórico-crítico em que aplica sua concepção material-dialética da realidade, Marx mantém os supostos e resultados teóricos dos experimentos anteriores, vale destacar: 1) o recurso à dialética, para afirmar e explicar a história: a transitoriedade das condições materiais e das ideias; 2) a afirmação d“o material” como “o concreto” a partir do qual o movimento dialético do real é engendrado; 3) a consideração d“o material” como fator produtor condicionante do viver dos homens; 4) o trabalho como elemento ontologicamente constituinte da condição humana. As próximas passagens são, conjuntamente, testemunhas desses tópicos que destacamos.

Sobre o caráter dialético, transitório das ideias (1), Marx escreveu: “as categorias mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas — justamente por causa de sua abstração —, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas” (MARX, 2011b, p. 83-84).

Sobre “o material” como o determinante do real (2), Marx sentenciou: “parece ser correto começar pelo real e concreto”, ou seja, pelo “material”, que “é o fundamento e o sujeito do ato social de produção [do real] como um todo” (MARX, 2011b, p. 76-77). Sobre esse começo, o próprio Marx enfatiza que “o material”, inicialmente, é uma representação “caótica” do real, cujo conteúdo é inespecífico. Especificar “o material” requer decompô-lo em suas partes para, então, conhecermos suas “determinações mais simples”, ou seja, obter conceitos mais precisos. Considerar “o material” como o fator que desencadeia o movimento dialético produtor do real, esta condição não faz dele um conceito autoevidente; não quer dizer que seu conteúdo, as relações que engendra e o funcionamento dessas relações etc., estejam eternamente dadas. A investigação acerca d“o material” apontará, ao final, a natureza dialética do mesmo.

A natureza d“o material”, conforme pensa Marx, é multideterminada. Pode-se ler isto quando ele diz que “o concreto [‘o material’] é concreto [— ou seja: é assim adjetivado —] porque é a reunião de muitas determinações. Portanto, unidade do diverso” (MARX, 2011b, p. 77-78). Em razão de ser uma totalidade multideterminada, é complexo delimitar o conteúdo do “material”. Este pode ser: 1) a matéria física da Natureza, moldada pelas forças da própria Natureza e/ou pela ação dos homens; 2) o trabalho dos homens e as relações (im)postas pelo

trabalho; 3) o pensamento, a ideia, na medida em que mantenham vínculos com a realidade; 4) a história, entendida como movimento dialético do “material”, etc.

Relativamente às condições materiais como matrizes da vida dos homens (3), Marx escreveu: “quando se fala de produção, sempre se está falando [...] da produção de indivíduos sociais” (MARX, 2011b, p. 56). A produção não é somente produção de objetos, mas também de pessoas e, portanto, daquilo que é próprio das pessoas: as ideias, etc. A produção é um “*universal*, [...] algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações” (MARX, 2011b, p. 56). Ora, o fato de a produção ser “multiplamente articulada” e dividida em diversas “determinações” dá-se em função do caráter dialético do “o material”.

O trabalho é um pensar e fazer ontologicamente constituinte das condições das vidas dos homens; portanto, é um elemento construtor da materialidade. Para Marx, o trabalho consciente, a atividade vital humana, não deve ser reduzida à atividade sobre “o material”, este entendido como a matéria-prima da Natureza, das coisas etc. Se assim fosse, ter-se-ia que admitir o trabalho dos homens como algo realizado apenas por meio de seu “metabolismo material”, totalmente independente do “metabolismo espiritual”: da atividade do pensar. Por esse caminho as relações de conexões sociais seriam “conexões coisificadas” (MARX, 2011b, p. 163). “Porém, é absurdo conceber tal *conexão* puramente *coisificada* como a conexão natural e espontânea, inseparável da natureza da individualidade (**em oposição ao saber e ao querer reflexivos**) e a ela imanente” (MARX, 2011b, p. 164, grifos nossos).

No *Pós-fácio da segunda edição d’O Capital*, (1873), Marx, tal como fizera nos experimentos anteriores da sua perspectiva material-dialética, insiste na validade da dialética como caminho (método) para se compreender “o material” que determina. Essa persistência é prova de que ele estava convencido de que “o material” é a base ontológica dialética do real; e que, portanto, somente será devidamente compreendido se assim for considerado.

No *Posfácio*, Marx discorre sobre o percurso a ser aplicado para se analisar o conteúdo do “o material”. Diz Marx (1990, p. 21): “a investigação tem de se apropriar do material em pormenor, de analisar as suas diversas formas de desenvolvimento e de seguir a pista do seu [‘do material’] vínculo interno”. Note-se: “a investigação tem de se apropriar do material” e não da *matéria*, enquanto coisa física. E continua Marx: “somente depois de completado esse trabalho [analítico] pode o movimento [material-dialético] real ser exposto em conformidade [corretamente]” (MARX, 1990, p. 21). Em razão disso, a pergunta é: será possível analisar o

material-dialético constituinte do real, compreender suas “formas” e seus “vínculos” (sua lógica) sem o recurso ao pensamento, às ideias?

Na continuidade do texto do *Posfácio*, Marx escreveu:

Para Hegel, o processo do pensamento, que ele transforma num sujeito autônomo sob o nome de ideia, é o demiurgo do efetivamente real, que forma apenas seu fenômeno exterior. Para mim, inversamente, o ideal [o ideal: o que pertence ao domínio das ideias] não é **nada** senão o material transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 1990, p. 21-22, grifo nosso).

Na passagem supracitada, o termo destacado — “**nada**” — parece a negação categórica do papel das ideias no interior do processo material-dialético de constituição do real. Porém, se melhor atentarmos à frase veremos que Marx está atribuindo um significado às ideias ao conceituar que “o ideal”, o mundo das ideias, é algo, a saber: “o material transposto e traduzido na cabeça do homem”. Marx está afirmando, portanto, que: 1) há uma intrínseca relação entre “o material” e a ideia; 2) a materialidade das ideias fica provada pelo fato de “o material” ser compreendido e explicado por meio da ideias.

Lembramos, aos que persistem em afirmar o materialismo dialético marxiano como abolição da ideia, que Marx não pensa segundo os cânones da lógica clássica. O fato de Marx afirmar a diferença entre a sua dialética e a de Hegel não implica dizer que a dialética do material seja a exclusão da dialética da ideia. Esse antagonismo supostamente insuperável entre o material e o ideal não deve ser aceito por um motivo, que se ampara na lógica dialética, qual seja: o de “o material” e a “ideia” “não são extremos irreconciliáveis”. Por conseguinte, a ação promotora da disjunção entre o material e a ideia é um ato acrítico, antidialético.

Na sua figura racional [isto é: de base materialista], a Dialética é um escândalo e uma abominação [...] porque, na compreensão positiva do existente [do real], ela encerra também ao mesmo tempo a compreensão da sua negação, da sua decadência necessária; porque ela apreende cada forma devinda no fluir do movimento, portanto, também pelo seu lado transitório; porque não deixa que nada se lhe imponha; porque, pela sua essência, é crítica e revolucionária (MARX, 1990, p. 22).

Enfim: para sermos coerentes com o modo de pensar dialético de Marx, devemos assumir a tese de que a contradição entre o material e o ideal não é disjuntiva — do tipo “isto” ou “aquilo”; é uma contradição dialética. “O material” de que nos fala Marx é dialético; portanto, o materialismo marxiano não é a supressão do valor e da função do pensar, das ideias, na constituição do processo material- dialético do real, da vida dos homens, da história.

4 CONCLUSÕES: O MATERIALISMO DIALÉTICO CONSEQUENTE

A afirmação do material como *arché* do real é consenso entre muitos teóricos marxistas. Essa harmonia, porém, fragiliza-se quando se discute a problemática do conteúdo do material. Em razão desta situação assumimos a tarefa de discutir sobre “o que é o material, em Marx”.

Os desenvolvimentos que fizemos ao longo do texto permitem formular, sinteticamente, as seguintes proposições responsivas: *O material é a base ou condição ontológica determinante do movimento do real; aquilo que (re)produz o real, eis “o material”. Este, porém, não é material no sentido das coisas ou objetos do mundo físico; tampouco o material é a ideia, o pensamento, que se autonomiza e atua, sozinha, para (re)produzir a realidade. O material é o processo histórico-dialético no qual as condições do modo de produção da vida social, econômica etc., e os produtos destas condições — as ideias, a consciência dos homens, etc.— determinam, não sem contradições, o movimento do real, a realidade.* Para Marx, “o material” não é um composto de matéria biofísicoquímica que suplanta o pensar.

Ao buscarmos subsídios teóricos para responder sobre o sentido do material concluímos que o pensamento filosófico de Marx é adequadamente qualificado quando nomeado de “materialismo dialético”. O aceite dessa adjetivação *parece* superar interpretações reducionistas do materialismo marxiano. Mas essa *aparência* é desfeita tão logo se trata de extrair e, máxime, assumir as consequências do “materialismo-dialético”. Aqui, como “conclusões”, destacaremos algumas consequências necessárias do aceite do materialismo dialético de Marx.

Mesmo admitindo o materialismo-dialético, muitos afirmam que as ideias, a consciência e o pensar são meros “reflexos”¹⁷ do material que, afinal, é o que *determina* o real. Essa tese carece de fundamentação caso se aceite que Marx: 1) criou o materialismo dialético, e não a tese de que “o material” precede e prescinde o dialético; 2) pensa dialeticamente. Se se

¹⁷ “Não se pode dissociar o exercício da dialética no plano do saber e o seu exercício no real. De fato, a dialética não quer ser senão o movimento do real. É certo que isto pode ter uma dupla significação: ou o saber dialético não passa de reprodução, de reflexão, de imagem diretamente enviada do real; ou saber e o real estão em relação dialética, sem que, por isso, real e saber sejam dissociáveis. Parece que, para Marx (ao contrário do que encontraremos em alguns de seus discípulos), se trata mais de uma teoria da relação dialética do saber e do real do que de uma teoria do “reflexo” (CALVEZ, 1975, p. 28, grifos do autor).

aceita que a “ideia” e o “material” são “extremos reais [e] não podem ser mediados um pelo outro” (MARX, 2010a, p. 105), então o pensamento de Marx não pode ser nomeado de “materialismo-dialético” porque, neste caso, estar-se-ia tomando “o material” como conteúdo antidialético, como realidade estritamente física e que exclui às ideias, por exemplo.

De qual conteúdo lembramos quando dizemos ou ouvimos “dialético”? Se a resposta for “do pensar”, “das ideias”, “do diálogo”, “das contradições”, então é impossível negar a participação do elemento dialético no processo de determinação do real. Todavia, para preservar a expressão materialismo-dialético, e evitar a situação de ter que admitir a dialética como partícipe da determinação do real, poder-se-ia pensar em um argumento moderador pelo qual se sustente que o fator material é o *conteúdo inicial determinante* enquanto que o elemento dialético aparece somente no processo e como produto da determinação, que é material. Mas, note-se, que este argumento é ardiloso porque parte de um pressuposto antidialético que afirma a dissociação entre o “material” e o “dialético” ao considerar que o “material” é o conteúdo-base e, distinto deste, inexoravelmente, o “dialético” é o resultado ou, quando muito, o meio/instrumento processador d’o material”. Se assim for, então não há o materialismo-dialético, mas, sim, o material e o dialético admitidos pelo critério da lógica clássica formal. O ato de pensar a relação material/dialético como uma disjunção é um fundamento do Materialismo determinista — que afirma o papel exclusivo da matéria física como demiurgo do real — e do Idealismo dogmático — que afirma as ideias como criadoras do real; mas nunca do Materialismo-dialético de Marx. A perspectiva material-dialética de Marx não afirma a pureza do Materialismo e do Idealismo. *O materialismo-dialético consequente marxiano é a defesa da dialeticidade do processo de engendramento do real, e do método dialético para a compreensão deste engendramento.*

Marx pensa dialeticamente; e sob esse prisma é impossível que seu materialismo seja o *apartheid* entre o “material” e o “dialético”, porque isto seria negar o materialismo dialético. Se Marx pretendesse afirmar essa separação teria que identificar e fundamentar o momento — de um processo que, por ser dialético, não exclui nada *a priori* — em que o pensar, as ideias, o diálogo etc., sobre o Eu, o Outro e o Mundo são suprimidos para deixar valer, exclusivamente, o “material” coisificado como determinante do movimento constitutivo do real. A comprovação da dissociação entre “o material” e o “dialético”, ou a prova de que esse é apenas reflexo daquele, implicaria, em todo caso, na perda do sentido da expressão “materialismo-dialético”. Respondendo à questão “no que consiste e o que tem de novo no materialismo fundado por Marx?”, Barata-Moura declarou categoricamente: “o materialismo de Marx é um

materialismo dialético; e a novidade está na unidade de materialismo e de dialética” (BARATA-MOURA, 2014, p. 236-237). Afirmar o divórcio entre o material e o dialético é negar a unidade material-dialética, é praticamente uma recusa do pensamento de Marx.

O conceito “material” está dentro da perspectiva material dialética de Marx e Engels. E, para estes autores, a materialidade do “Ser”, as condições do mundo real, da história, não se restringe aos limites do mundo dito material (corpóreo, físico dos objetos); o material não é uma coisa petrificada, a qual se pode agarrar, prender, e isolar de tudo e de todos. Numa formulação genérica é correto dizer que o material é o *princípio* ou *elemento ontológico* determinante do real. Mas este enunciado é, ainda, *abstrato* e carece ser mais bem explicitado. Com esse intuito, na medida em que se considera o real em sua dinamicidade, enquanto movimento dos homens que trabalham, pensam e fazem a história, e que para tanto estabelecem relações entre si, então é mais objetivo afirmar “o material” como o *movimento histórico-dialético* de determinação do real, da realidade. Assim admitido, “o material” é algo mais enriquecido porque está posto como um ente de múltiplas determinações e conexões. Afinal, não deve ser dito dialético um materialismo que nega a multideterminação do material.

No materialismo dialético consequente de Marx as ideias participam da determinação do real”; elas não são “mônadas”, discursos desvinculados das condições materiais. Mesmo uma investigação inicial sobre a historicidade do material revela a conexão dialética deste com as ideias. Esta conexão, porque dialética, é uma via de reciprocidade: as condições materiais engendram as ideias: o mundo *ideal*; e este afeta a materialidade: as coisas, a Natureza física. Exemplos dessa conexão são o trabalho e o conhecimento.

O trabalho humano é a conjunção de labor físico e intelectual que resultaram, por exemplo, na invenção de instrumentos que viabilizaram o usufruto da Natureza para o bem estar das sociedades; e as ideias têm papel determinante no trabalho. Inegavelmente, as descobertas, invenções e transformações humanas (educação formal, bússola, roda, fogo, o telescópio, embarcações, telégrafo, energia elétrica, lei da gravidade, elementos químicos etc.) foram mais exitosas porque os homens se puseram a pensar (avaliar e projetar) sobre as condições materiais que viviam e desejavam viver. O pensamento produz ideias, teses, teorias sobre a realidade, isto é, produz conhecimentos; e pelo conhecimento se compreende o mundo. Essa compreensão permite traçar meios e estratégias para a atuação e transformação do real: — é quando se pode dizer que o indivíduo é um “Ser consciente de”. Ademais, as ideias participam da determinação do real na medida em que fazem aparecer as contradições, inerentes à materialidade do real,

mediante a atividade crítica do pensamento. As ideias não são — como prega o materialismo não-dialético — exemplo de um formalismo destrutivo e imaginário; elas são formativas, constituintes do novo e, neste sentido, têm um papel ativo na formatação da realidade.

O materialismo dialético consequente não afirma a validade *ad aeternum* das ideias. As ideias não são verdades *em si e por si*; a validade e vitalidade delas sucumbem tão logo as condições materiais que as geraram são modificadas. Essa conexão das ideias com as circunstâncias da vida social, política, econômica, etc., é o que garante a elas serem ativas no processo de determinação do real. O materialismo dialético reconhece, pois, que sem a mediação das ideias os homens seriam incapazes de pensar, construir, operar e intervir no mundo humano-social: político, econômico, moral, cultural, educativo etc.

O materialismo dialético de Marx não é a reles negação do Idealismo; é, sim, o *materialismo do dever*, que difere do materialismo mecanicista do dever-ser. Marx nos fala do material dialético; portanto, do material que não encerra em si a inércia, a imutabilidade. Ao contrário disso, o material dialético contém em si o movimento; abrange, pois, a contradição, que é condição imprescindível às mudanças do real. A contradição é força acionadora do movimento engendrante da realidade, aí incluídas as práticas e as relações sociais. As práticas e as relações, por sua vez, requerem a atividade do pensamento e o intercâmbio entre os homens; requisitam, pois, o diálogo, e este deve sua existência às ideias. Sem o pensar não há representações simbólicas do real, não há mundo humano, não há história.

Quando se concebe o material unicamente como o mundo físico quantificado perde-se a possibilidade da compreensão da realidade em sua totalidade, uma vez que o real não está limitado ao mundo das coisas, das mercadorias. A materialidade do real, seu conteúdo, é composta, também, pelas relações (políticas, econômicas, educativas etc.) entre os homens. Quando o conteúdo do material é admitido como sendo o objeto concreto, a coisa física, tal conceito produz a tese absurda de que os homens podem mudar o mundo sem quaisquer mediações das ideias. A absurdidade dessa tese reside no fato de ela querer abolir a validade daquilo que é uma condição humana por excelência: o efetivo exercício do trabalho de pensar.

Enfim, é estranho que alguns lutem contra a coisificação dos homens e, por outro lado, não hesitam em defender um materialismo que exclui a teoria, a ideia, o pensamento, etc, do processo de realização das condições humanas. Para além de tudo isso, é preciso reconhecer que muitas das divergências nas interpretações das ideias de Marx decorrem do fato de que, muitas vezes, os marxistas, na ânsia de se afastarem do idealismo, têm se encaminhado para o

outro extremo e afirmado tão-somente o *hard materialism*, o materialismo antidialético. Os que negam as consequenciais ou implicações do materialismo dialético negam, todavia, o sentido pleno do materialismo-dialético marxiano.

REFERÊNCIAS

- BARATA-MOURA, José. *Materialismo e Subjectividade: estudos em torno de Marx*. Lisboa: Edições Avante, 1997.
- BARATA-MOURA, José. *Dialética marxista*. Lisboa: Edições Avante, 2010.
- BARATA-MOURA, José. *Sobre Lênine e a Filosofia: a reivindicação de uma Ontologia Materialista Dialética como Projeto*. 2 ed. Lisboa: Edições Avante, 2012a.
- BARATA-MOURA, José. *Totalidade e Contradição: acerca da Dialética*. 2 ed. rev. e aum. Lisboa: Edições Avante, 2012b.
- BARATA-MOURA, José. Entrevista com José Batata-Moura: o material, o dialético, a ideia e a educação em Marx. Apresentação e condução da Entrevista por: Antonio Dias e Avelino Oliveira. In: *Revista Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, vol. 9, nº 22, mai./ago., p. 231-250, 2014.
- CALVEZ, Jean-Yves. *O Pensamento de Karl Marx* (vol. II). 3 ed. Tradução Agostinho Veloso. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Düring: filosofia, economia, política, socialismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas: em três tomos* (v. 2). São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1987a.
- ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas: em três tomos* (v. 3). São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1987b.
- HEGEL, George W. F. *Ciência de la Lógica*. 4 ed. Tradução Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo. Cidade do México: Ediciones Solar: Hachete, 1970.
- LOWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política – Prefácio. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas: em três tomos* (v. 1). Tradução: Álvaro Pina. Lisboa: Edições Avante: Moscou: Edições Progresso, 1982.

MARX, Karl. In: Einleitung [zu den "Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie"]. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx und Engels Werke* (MEW, band 42). Berlin: Dietz Verlag, 1983.

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. Tradução José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl. Posfácio à segunda edição. In: MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política* (Livro I). Tradução José Barata-Moura *et. al.* Moscovo: Progresso Editorial: Lisboa: Edições Avante, 1990.

MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia política - Prefácio*. Tradução Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

MARX, Karl. *A Sagrada família*. Tradução Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*. Tradução Jesus Ranieri. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007a.

MARX, Karl. *Teses Ad Feuerbach*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã: crítica...* Tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007b.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel - Introdução*. Tradução Rubens Enderle. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política. In: MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857*. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011b. *Ebook*.

MARX, Karl. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro*. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.

TEIXEIRA, Francisco. Marx, ontem e hoje. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. *Marx no século XXI*. São Paulo: Cortez, 2008.